

Devemos ir à igreja

JORNAL DO BRASIL 10 AGO 2007



José Samey,
ex-presidente da República,
senador e integrante da
Academia Brasileira de Letras

HÁ CERCA DE CINCO ANOS, fui convidado pelas Nações Unidas para participar de uma reunião preparatória a uma conferência sobre tecnologia e os direitos individuais, em Bilbao, na Espanha.

Dela participavam grandes nomes da ciência política, como Manuel Castells, que teve brilhante intervenção sobre as consequências em nossas vidas da inesperada e transformadora tecnologia da informação. As descobertas resuscitaram as tendas dos alquimistas e delas surgiram, em vez de poções mágicas, vozes que não se perdem, visões de tudo em todos os lugares e ao mesmo tempo, falar com todos em qualquer lugar do mundo e tudo em telinhas que cabem na palma das mãos.

A grande pergunta é o que acontecerá com a cabeça dessa geração que passou da cultura oral para visual. A privacidade, que era uma graça do homem liberto dentro de si mesmo, passou a ser devassada por tudo e por todos num mundo globalizado. Nos telefones não falamos mais entre duas pessoas, mas em simpósios, pois todos escutam tudo. A voz é uma impressão digital que pode ser capturada no ar pelos impulsos elétricos de máquinas cada vez mais sofisticadas. As câmeras podem ser embutidas num botão ou em qualquer lugar e captam as coisas mais íntimas. Há até um fato pitoresco no Japão, onde resolveram fazer vagões de metrô separa-

dos para as mulheres se protegerem de câmeras que, colocadas no bico dos sapatos, bisbilhotavam o interior das saias e os mistérios ali contidos.

Foi o chegar da era – tida como loucura – imaginada por George Orwell, no seu livro *1984*, onde criou a figura do Big Brother (não confundir com o programa de TV) que usava o Ministério da Verdade para espionar e dar ordens a todos os habitantes do seu país imaginário.

Cada vez mais nos sentimos sem direito à solidão e à privacidade, medrosos de estarmos sendo espionados, cercados de agentes eletrônicos. O homem acabará no dia em que ele descobrir a máquina de ler o pensamento. Aí, como

ninguém pode deixar de pensar, nascerá o reino da infelicidade. Será o fim. Já não estarei mais vivo quando descobrirem essa, mas, como com o tempo descobrem tudo, e, dizia Vieira, com a saudade, tenho pena do futuro.

Tudo isso para dizer que o Denatran determinou mais um avanço na nossa privacidade: nosso carro será acompanhado dia e noite e dentro dele haverá caixas-pretas “para revelar acidentes”.

Quem lucra com isso? As seguradoras, os produtores desses equipamentos e os bisbilhoteiros. Quem perde? Mais um pedaço de nossa liberdade e a descoberta de onde viemos e para onde vamos. Ainda bem que só vou à igreja. Mas os que vão a outros locais que se cuidem.